

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA GABRIELLA FATEL LIMA

FATORES DE RISCO À SAÚDE MENTAL DE PROFESSORAS/ES DA REDE
PÚBLICA DE ENSINO DO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

CURITIBA

2024

ANA GABRIELLA FATEL LIMA

FATORES DE RISCO À SAÚDE MENTAL DE PROFESSORAS/ES DA REDE
PÚBLICA DE ENSINO DO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Graduação de Pedagogia, Setor de Educação, da
Universidade Federal do Paraná, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Everton Ribeiro

Coorientadora: Prof. Ma. Roseane de Souza
Mendes

CURITIBA

2024

TERMO DE APROVAÇÃO

ANA GABRIELLA FATEL LIMA

FATORES DE RISCO À SAÚDE MENTAL DE PROFESSORAS/ES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia, Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Prof. Dr. Everton Ribeiro

Orientador - Departamento de Planejamento e Administração Escolar
Universidade Federal do Paraná

Prof. Dra. Valéria Milena Rohrich Ferreira

Membra Interna - Departamento de Planejamento e Administração Escolar
Universidade Federal do Paraná

Prof. Ma. Najara Nogari de Mello

Membra Externa - Instituto Federal do Paraná

Curitiba, 13 de dezembro de 2024.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo aquela que me inspira, me incentiva, que me fez crescer com um olhar crítico para as injustiças da sociedade, que me fez ser uma mulher forte, independente, além de fazer eu me apaixonar pela educação e por essa profissão linda, que mesmo com os percalços da rotina, é encantadora. Obrigada, mãe, por não soltar a minha mão, por acreditar que eu alcançaria meus sonhos, com certeza esse diploma é uma mostra do quanto eu te admiro.

Preciso agradecer também a meu pai, Valmor, que comemorou comigo a minha entrada na universidade e se fez presente no cuidado, no zelo e, também, na implicância, por acreditar que eu conseguiria chegar onde estou.

Agradeço ao meu pai, Cláudio, e a minha madrasta, Talita, que ficaram do meu lado nos momentos difíceis e se fizeram presentes, mesmo com a distância.

Um agradecimento extenso aos meus irmãos: Alice, Mateus, Júlia, Bruno e Valéria, que, além de meus amigos, são meus confidentes, meu apoio, sou grata de compartilhar com vocês uma infância com lindas lembranças, uma adolescência de descoberta e um amadurecimento da vida adulta juntos, minha vida é melhor com vocês ao lado.

Agradeço também aos meus cunhados, Ana Júlia e Flávio, que chegaram de mansinho, somando nessa grande família, compartilhando os momentos bons e ruins, fazendo parte dessa conquista.

Agradeço àquele que escolheu compartilhar a vida ao meu lado, meu marido Gustavo, que mesmo com os meus defeitos e nos momentos difíceis, acreditou que eu conseguiria vencer mais esse obstáculo, obrigada por torcer por mim.

Um agradecimento aos amigos que fiz na universidade, Ane, Marcela e Jhulian, saibam que vocês tornaram esse percurso mais leve, ao compartilharem momentos de desespero, angústia, mas também de alegria e felicidade, sou muito grata por ter vocês.

Em especial à irmã que a universidade me presenteou, que hoje, mesmo com a distância, nossas memórias seguem aqui dentro vivas. Finalizar essa etapa que iniciamos juntas tem muito valor, obrigada por compartilhar a vida de caloura comigo, por descobirmos juntas as possibilidades da universidade, esse trabalho também é para você, Bruna Bronguel.

E, para finalizar, um agradecimento ao meu professor orientador, Dr. Everton Ribeiro e a minha professora coorientadora, Ma. Roseane Mendes, por acreditarem no meu potencial, pelas trocas ao longo do ano e por todo o apoio.

E então eu soube, eu descobri. Assim de repente. Descobri que nada é de repente. Dessa vez, a pesquisa do colégio não é só em livros nem fora de mim. É também na minha vida mesmo, dentro de mim. Nos meus segredos, nos meus mistérios, nas minhas encruzilhadas escondidas (...) Mudanças que eu mesma vou fazendo, por isso é difícil, às vezes dá vontade de chorar. Olhando para trás e andando para a frente, tropeçando de vez em quando, inventando moda. É que eu também sou inventora, inventando todo dia um jeito novo de viver.

Ana Maria Machado (2002, p. 62).

RESUMO

Este trabalho é de cunho qualitativo, seu objetivo foi investigar fatores de risco à saúde mental de docentes do ensino fundamental da rede pública de ensino no Brasil, caracterizando-se como uma revisão integrativa de literatura numa delimitação de 15 anos (2009-2024) de produção. A pesquisa teve como princípio a leitura da obra “Professores e professoras doentes: de quem é a culpa?” (2018), de Adão Aparecido Xavier e Araci Asinelli-Luz, a qual serviu de apoio para a compreensão da realidade enfrentada pelos docentes da educação básica, especialmente na rede estadual de ensino do Paraná. A metodologia escolhida é descritiva e explicativa, permitindo uma análise individual dos artigos selecionados, suas visões acerca das condições que causam e levam o docente a adoecer, como a falta de autonomia, a sobrecarga de trabalho, a violência estrutural, a baixa remuneração, as desigualdades de gênero, entre outros fatores detectados. Os resultados evidenciam e contribuem para uma necessidade de elaboração de políticas públicas que articulem as áreas de Educação e Saúde, a fim de vislumbrar espaços educativos mais seguros e acolhedores aos professores brasileiros, futuros e atuais.

Palavras-chave: adoecimento docente; heteronomia; plano de carreira; segurança escolar; violência estrutural.

ABSTRACT

This qualitative study aimed to investigate risk factors for the mental health of elementary school teachers in the public education system in Brazil. It is characterized as an integrative literature review with a 15-year production period (2009-2024). The research was based on the reading of the book "Sick teachers: who is to blame?" (2018), by Adão Aparecido Xavier and Araci Asinelli-Luz, which served as support for understanding the reality faced by elementary school teachers, especially in the state education system of Paraná. The chosen methodology is descriptive and explanatory, allowing an individual analysis of the selected articles, their views on the conditions that cause and lead teachers to become ill, such as lack of autonomy, work overload, structural violence, low pay, gender inequalities, among other factors detected. The results highlight and contribute to the need to develop public policies that articulate the areas of Education and Health, in order to envision safer and more welcoming educational spaces for future and current Brazilian teachers.

Keywords: teacher illness; heteronomy; career plan; school safety; structural violence.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - RELAÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS 1 AO 4 - BVS, Capes Periódico, Pepsic e Scielo.....	17
FIGURA 2 - RELAÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS 5 AO 9 - BVS, Capes Periódico, Pepsic e Scielo	17
FIGURA 3 - RELAÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS 10 AO 13 - BVS, Capes Periódico,Pepsic e Scielo.....	18
FIGURA 4 - RELAÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS 14 AO 17 - BVS, Capes Periódico,Pepsic e Scielo.....	18
FIGURA 5 - RELAÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS 18 AO 22 - BVS, Capes Periódico,Pepsic e Scielo.....	19
FIGURA 6 - RELAÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS 23 AO 27 - BVS, Capes Periódico,Pepsic e Scielo.....	19
FIGURA 7 - RELAÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS 28 AO 30 - BVS, Capes Periódico,Pepsic e Scielo.....	20
FIGURA 8 - FATORES DE RISCO À SAÚDE MENTAL DOS DOCENTES E ESTRATÉGIAS PARA EVITAR O ADOECIMENTO.....	43

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- ARTIGOS SELECIONADOS PARA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA	16
TABELA 2- ARTIGOS SELECIONADOS PARA LEITURA DO RESUMO.....	16
TABELA 3 - ARTIGOS SELECIONADOS PARA LEITURA COMPLETA.....	16

SUMÁRIO

1	MEMORIAL.....	12
1.1	JUSTIFICATIVAS.....	14
1.2	METODOLOGIA.....	15
2	REVISÃO INTEGRATIVA.....	21
3	FATORES DE RISCO À SAÚDE MENTAL: RECORRÊNCIAS.....	37
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
	REFERÊNCIAS	46

1 MEMORIAL

Desde as minhas primeiras memórias eu me recordo de estar dentro da escola, minha avó era inspetora do Estado e incentivou minha mãe e minhas tias a serem professoras, pois enxergava a profissão com admiração e estabilidade, principalmente financeira.

Minha avó não conseguiu estudar pois os irmãos mais velhos não deixaram, mas garantiu, com um trabalho árduo, durante os três turnos, que as três filhas mulheres realizassem o sonho de ter uma graduação.

Durante a minha vida acadêmica, por ter uma mãe educadora, queria ser uma aluna exemplar, sentia um prazer em estar nas aulas, ter o conhecimento na ponta da língua, preferia os livros e a teoria. E, desde muito cedo, foi nesse ambiente que escolhi meu futuro profissional.

Outro fator importante para essa escolha, foi a minha mãe, sempre a enxerguei como uma inspiração de mulher, principalmente no âmbito profissional, via nela o interesse e inquietação pela realidade do mundo ao seu redor e por acreditar que a mudança pode e irá acontecer por meio da Educação.

No Ensino Médio, decidi realizar o magistério no Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto, no centro da cidade de Curitiba. Ao iniciar essa jornada, escutei de uma ex-estudante do instituto que “O magistério seria a melhor época da minha vida”. Ao final do quarto ano, pude confirmar essa afirmação.

No magistério eu conheci as diversas realidades dentro da cidade de Curitiba, por meio do estágio, visitei CMEIS e Escolas em diferentes bairros, como: Santa Quitéria, Bairro Alto, Caiuá, Hauer e Centro. Fiz parte de projetos sociais em Casa Lar e Lar de Idosos, tive contato com a riqueza da diversidade cultural, social e econômica, observei os desafios, e foi nesse espaço que realmente aprendi a ser professora.

Contudo, foi durante essa formação que eu questionei se eu seria professora “para sempre”, com o estágio não obrigatório, conheci a realidade nua e crua das escolas, e com muitas dúvidas como uma adolescente normal, mudei de ideia.

Meu interesse pela área da psicologia despertou, mas com uma reviravolta da vida, fui redirecionada para a Pedagogia, como se eu devesse continuar nessa área e hoje compreendo o porquê.

Após o Ensino Médio, comecei a trabalhar por meio de uma indicação. A escola, embora longe da minha casa, foi um espaço de transformação profissional, todo o percurso valia a pena, foram cinco anos atravessando a cidade, e foi lá que devo minha essência profissional, meu amadurecimento, mudanças de opiniões, inspirações para ser melhor todos os dias e um respeito inexplicável pelo professor de educação infantil, foi no CEI Colméias que conheci a realidade docente, e como as diferentes situações externas à sala de aula, influenciam diretamente no trabalho pedagógico e na saúde mental do educador, assim minha inquietação para a temática do TCC ficou mais evidente.

Lembro-me dá emoção ao me despedir da primeira turma e uma colega me dizer “Calma, você vai se acostumar!”.

Mas será que nós nos acostumamos com as adversidades docentes, que vão muito além de despedidas? Encontramos mais empecilhos pela nossa jornada profissional, como a falta de materiais, a violência, os conflitos com as famílias, a demora do retorno aos atendimentos da saúde pública, a falta de profissionais, uma sobrecarga de trabalho, a não realização da hora atividade, com os acidentes/machucados das crianças, a desvalorização profissional, entre tantas outras coisas que estão presentes na realidade do trabalho docente.

No final do ano de 2022 fui convocada em um concurso de educador infantil, em uma cidade da região metropolitana de Curitiba, almejei esse cargo por anos e ali senti que realmente estava realizando um sonho, porém, ali naquele mesmo espaço senti que o impacto direto da dura realidade da vida do educador e o impacto na minha saúde mental.

Iniciei questionando minha capacidade de lidar com as intercorrências do trabalho docente, na sequência torcia para que o tempo passasse rápido, até que, mais adiante, nos domingos a noite tinha crises de choro e não conseguia criar vínculos profundos com os alunos. A equipe gestora esteve do meu lado e é graças a elas, que mesmo com tantas dúvidas, continuei meu percurso.

Essas situações em específico, não interferiram apenas no meu desempenho profissional, afetou também minha vida pessoal, acredito que não somos seres fragmentados, não conseguimos deixar nossos problemas profissionais apenas no trabalho e seguir a vida normalmente nos finais de semana, e isso reflete diretamente na nossa saúde mental.

Assim, busquei compreender como os impactos externos e internos às escolas afetam o trabalho pedagógico e a saúde mental dos educadores. Com tais apontamentos, meu antigo interesse na Psicologia se manteve presente, vivo e entrelaçado com a minha atual vivência dentro de salas de aula, atualmente trabalhando na rede municipal de Curitiba, com um coração em paz, de que estou no caminho no qual sempre deveria estar justificando as reviravoltas da vida nos anos anteriores.

Foram essas inquietações que me fizeram ser a profissional que sou hoje, buscando respostas para esses apontamentos e assim compreender o impacto da saúde mental na docência. E se dá assim o motivo dessa pesquisa.

1.1 JUSTIFICATIVAS

A sociedade atual, está em constante transformação, essas situações refletem diretamente no sistema educacional, porém os problemas enfrentados pelos docentes, como a sobrecarga de trabalho, ausência de autonomia, violências e precarização do âmbito escolar, são antigas e recorrentes. Esses pontos não influenciam apenas a vida e a saúde dos professores, como repercutem na formação de alunos, funcionamento das escolas e na construção da sociedade.

O adoecimento docente tem se tornado um tema de relevância no meio acadêmico, devido ao aumento significativo de casos nos últimos anos. Na literatura analisada, é possível observar o crescente afastamento de professores das salas de aula, a readaptação para outras funções e o uso mais frequente de medicamentos para lidar com as dificuldades enfrentadas no ambiente escolar. Essa situação, somados com os vários fatores de risco, que impactam a vida e a saúde mental dos docentes, evidencia a necessidade de discutir e analisar as condições de trabalho às quais os professores são submetidos.

Dessa maneira, o objetivo dessa pesquisa, é reunir diferentes pontos de vista e compreender como o adoecimento mental dos docentes da rede básica de ensino no Brasil, se dá, nos diferentes contextos do país, além de considerar suas semelhanças num contexto histórico e social, em uma linha de tempo de quinze anos. Além de sugerir discussões, para que mudanças e políticas públicas sejam repensadas, garantindo um apoio à saúde do professor e a valorização da carreira do magistério.

1.2 METODOLOGIA

Essa pesquisa é de caráter qualitativo, já que trata de uma revisão integrativa, onde busca-se compreender os fatores contribuintes para um adoecimento docente em massa e analisar as pesquisas existentes sobre essa temática.

A revisão integrativa consiste em uma análise ampla baseada em cinco etapas, sendo elas: 1) identificação do problema; 2) busca literária; 3) avaliação de dados; 4) análise de dados; e 5) apresentação dos resultados (HASSUNUMA, 2024, p.03).

A pesquisa teve início com a leitura “*Professores e professoras doentes: De quem é a culpa?*” de Adão Aparecido Xavier e Araci Asinelli-Luz. Esta obra serviu como base para a compreensão da realidade dos docentes dentro das salas de aula, seus desafios e uma fundamentação teórica sobre o reflexo desses impasses na saúde mental dos docentes.

O livro problematiza os aspectos da violência estrutural e como esses fatores influenciam a vivência e o adoecimento dos professores. Além de buscar soluções acerca da perspectiva do pensamento complexo de Morin, que critica a ideia da segregação e práticas simplificadas.

A ação do professor é parte de um todo complexo e precisa ser considerada por essa perspectiva, reconfigurando o pensamento particular, para então, compreender a pluralidade dos fenômenos existentes dentro das salas de aula. Sendo assim, possível compreender de “quem é a culpa” do adoecimento docente.

A seguir, foi realizada uma pesquisa bibliográfica abrangente. Foram estipulados alguns critérios sobre a área de pesquisa a ser analisada, sendo eles: textos que abordassem sobre a saúde mental do docente que atua no Ensino Fundamental no âmbito nacional, delimitando em um período de quinze anos (2009-2024), utilizando como palavras-chave “*Adoecimento and professores*” e “*adoecimento docente and saúde mental*”, a busca foi realizada na área da Educação e Psicologia. Foram utilizados como indexadores de pesquisa: Scielo, Capes Periódicos, Pepsic (Periódicos de Psicologia) e BVS (Biblioteca Virtual em Saúde).

No total foram encontrados 389 artigos, sendo:

TABELA 1. ARTIGOS SELECIONADOS PARA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA.

Procedência	Artigos Seleccionados
Scielo	43
Capes Periódicos	161
Pepsic	35
BVS	150
Total	389

Fonte: A autora (2024)

Houve uma primeira seleção após a leitura dos títulos dos textos, eliminando artigos repetidos e que não se adequaram aos critérios citados acima. Sendo selecionados para a leitura do resumo:

TABELA 2. ARTIGOS SELECIONADOS PARA LEITURA DO RESUMO.

Procedência	Artigos Seleccionados
Scielo	20
Capes Periódicos	17
Pepsic	9
BVS	29
Total	75

Fonte: A autora (2024)

Na segunda seleção, para a leitura completa, foram selecionados:

TABELA 3. ARTIGOS SELECIONADOS PARA LEITURA COMPLETA.

Procedência	Artigos Seleccionados
Scielo	11
Capes Periódicos	9
Pepsic	5
BVS	5
Total	30

Fonte: A autora (2024)

Assim, 30 artigos foram designados para leitura completa e aprofundada da temática. A seguir, é possível observar as imagens do quadro com os títulos dos textos selecionados, ano de cada publicação, autores, metodologias de pesquisa e o último Qualis CAPES da revista em que cada produção foi publicada.

FIGURA 1 - Relação dos artigos selecionados do 1 ao 4 - BVS, Capes Periódico, Pepsic e Scielo

	AUTORES	TÍTULO	REVISTA	PARTICIPANTES/METODOLOGIA	QUALIS EDUCAÇÃO (2017-2024)	ANO DE PUBLICAÇÃO
1	Saulo Daniel Mendes Cunha; José de Andrade Matos Sobrinho; Aparecida Rosângela Silveira; Cristina Andrade Sampaio;	Vivências, condições de trabalho e processo saúde-doença: Retratos da realidade docente	Educação em Revista	Pesquisa de abordagem qualitativa, baseada no método Interacionismo Simbólico. Estudo realizado com professores de ambos os sexos, da rede pública da cidade de Montes Claros-MG, atuantes no ensino fundamental completo e ensino médio.	B1	2024
2	Ada Ávila Assunção; Rose Elizabeth Cabral Barbosa	Invisibilidade social do adoecimento de professores da educação básica no Brasil.	Revista Brasileira de Saúde Ocupacional	Resposta para uma carta com questionamentos sobre ações para solucionar a situação do adoecimento de professores.	B1	2024
3	Jullyana Silva Rosa; Gisele Toassa; Ana Laura de Moura Septimio; Pabliny Marques de Aquino; Karinny Gonçalves da Silva;	Relação Professor-aluno e o drama da psiquiatrização docente: um estudo a partir de dados do município de Goiânia	Educação em Revista	Análise da ficha médica dos docentes arquivados na Junta Médica Municipal de Goiânia (JMM), afastados de sala de aula. Os professores são das etapas das etapas de ensino: educação infantil, do ensino fundamental (ciclo I e II) e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que possuem licença médica por motivos psiquiátricos entre os anos de 2015-2017.	B1	2024
4	Jerto Cardoso da Silva; Luiza Tamara de Almeida Leal; Elisabete Bertella; Cleimar Luis dos Santos; Stefanie Schmidt;	Desgastes e sacrifícios" medicados: A relação trabalho e adoecimento na vida das professoras brasileiras	Psico (PUCRS)	Esse artigo trata-se de uma pesquisa de método misto. Foi realizada um estudo com professores de todo o país, por meio de um questionário on-line, sobre as condições do trabalho do professor, sua saúde mental e a utilização de medicamentos	A2	2023

Fonte: A autora (2024)

FIGURA 2 - Relação dos artigos selecionados do 5 ao 9 - BVS, Capes Periódico, Pepsic e Scielo

5	Marlon Freitas de Campos; Moacir Fernando Viegas;	Sofrimento no trabalho e estratégias dos professores contra o adoecimento psíquico	Trabalho e educação	Apoiado na teoria Psicodinâmica do Trabalho e na perspectiva histórico-crítica da educação, a pesquisa teve caráter qualitativo, com a participação de seis professoras e um professor de uma cidade de porte médio da região Sul do estado do Rio Grande do Sul.	A3	2023
6	Moacir Fernando Viegas;	Trabalhando todo o tempo: sobrecarga e intensificação no trabalho de professoras da educação básica	Educação e Pesquisa	Pesquisa de tipo quali-quantitativa, desenvolvida nos anos 2018 e 2019, em dezoito municípios da região do Vale do Rio Pardo, primeiramente foi realizado um questionário e após uma entrevista. Os docentes trabalham em escola pública, nos níveis de educação: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.	A1	2022
7	Lenir Rodrigues Minghetti; Nilzo Ivo Ladwig; Lilia Kanan; Juliano Bitencourt Campos;	Mal-estar docente: fatores de risco de adoecimento e sofrimento de professores em decorrência do trabalho	Research, society and development	Esta pesquisa se caracteriza como Revisão Narrativa de Literatura. É um estudo de cunho explicativo e descritivo para identificar os fatores que determinam o que contribuem para a ocorrência de fenômenos.	C	2022
8	Margareth Diniz; Leandro de Proença Lopes;	A formação inicial de professoras marcada pela interseccionalidade e o impacto na saúde física e mental das docentes	Formação docente	O presente artigo é um estudo bibliográfico referente à profissão docente, a precarização do trabalho, o alto número de adoecimento e afastamento de função. Além de elencar e considerar o gênero, raça e classe dos docentes.	A4	2022
9	Karen Rayany Ródio Trevisan; Roberto Moraes Cruz; Patricia Dalagasperina; Daniela Ornellas Ariño; Andrea Valéria Steil;	Revisão sistemática internacional sobre agravos à saúde mental de professores	Avances en Psicología Latinoamericana	Revisão sistemática de literatura, utilizada para aplicação de estratégias científicas que possibilitem o mapeamento e a sistematização do conhecimento científico já publicado sobre "Qual o perfil epidemiológico de agravos à saúde mental em professores, em âmbito nacional e internacional".	A1	2022

Fonte: A autora (2024)

FIGURA 3 - Relação dos artigos selecionados do 10 ao 13 - BVS, Capes Periódico, Pepsic e Scielo

10	Jerto Cardoso da Silva; Luiza Tamara Almeida Leal; Stefanie Schmidt; Maiara da Silva Fuhr; Eduardo Steindorf Saraiva;	Saúde Mental, adoecimento e trabalho docente	Psicologia Escolar e Educacional	Pesquisa de caráter quantitativo, que busca compreender as percepções das condições de saúde mental de escolas públicas no interior do Rio Grande do Sul. Foi realizado um questionário adaptado do Protocolo de Atenção à Saúde Mental e Trabalho, sendo respondido por 249 professores.	A2	2021
11	Rosiane Alves Palacios; Carolina Freddo Fleck;	Docente ou doente: como fica a rotina dos profissionais da educação com o crescente adoecimento emocional	Trabalho necessário	Estudo narrativo, a partir de entrevistas e grupo focal, realizado com professores da rede estadual do estado do Rio Grande do Sul, buscando identificar as consequências geradas pelo aumento das patologias emocionais na rotina de trabalho dos docentes.	A3	2020
12	Luciana Cristina Machado; Jean Ezequiel Limongi;	Prevalência e fatores relacionados a transtornos mentais comuns entre professores da rede municipal de ensino, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil	Revista Brasileira de Medicina do Trabalho	Amostra aleatória, com a participação de 330 professores do ensino fundamental das escolas municipais do município de Uberlândia, de 36 escolas, sendo classificada como um estudo transversal. Os instrumentos de coletas de dados utilizados foram: General Health Questionnaire-12 (GHQ-12) e questionário com questões sobre os fatores de risco de transtornos mentais comuns (TMC).	B3	2019
13	Marilda Gonçalves Dias Facci	O adoecimento do professor frente à violência na escola	Fractal: Revista de Psicologia	Pesquisa realizada com 31 professores do ensino fundamental de uma cidade do norte do Paraná, sobre questões do adoecimento do professor e sua relação com a violência presente nas escolas. Um questionário foi aplicado com 21 professores e uma entrevista com 10 professores readaptados (aqueles afastados das suas funções por decisão médica).	A2	2019

Fonte: A autora (2024)

FIGURA 4 - Relação dos artigos selecionados do 14 ao 17 - BVS, Capes Periódico, Pepsic e Scielo

14	Jefferson Peixoto da Silva; Frida Marina Fischer;	Invasão multiforme da vida pelo trabalho entre professores de educação básica e repercussões sobre a saúde	Revista de Saúde Pública	Estudo qualitativo com o objetivo de investigar as consequências interferências do trabalho sobre a vida pessoal dos professores e sua influência no processo saúde-doença. Utilizou-se entrevistas individuais semiestruturadas, com a participação de 29 professores alocados em quatro escolas públicas das redes municipal e estadual de São Paulo e seus diretores.	A1	2019
15	Mariana Esteves de Oliveira	"Piorou a diabetes pelo emocional": Precarização do trabalho docente e adoecimento dos professores paulistas	Fronteiras e debates	Pesquisa realizada em nível de doutorado entre 2013 e 2016, sob o ponto de vista da História Social do Trabalho, conduzida na perspectiva materialista histórica e dialética. Foram realizadas 128 entrevistas com professores e professoras, em questionários estruturados. Três entrevistas foram realizadas oralmente com professores aposentados que ingressaram na Secretaria Estadual de São Paulo, entre 1950 e 1960.	B1	2019
16	Regina Zanella Penteadó; Samuel de Souza Neto	Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão	Saúde sociedade e	Revisão narrativa de 12 publicações, buscando compreender e identificar os principais aspectos do adoecimento docente, problemáticas, políticas públicas, organização do trabalho docente e identidade profissional docente.	A3	2019
17	Rodney Querino Ferreira-Costa; Nelson Pedro-Silva;	Ansiedade e depressão: o mundo da prática docente e o adoecimento psíquico	Estudos de Psicologia	Estudo epidemiológico de corte transversal. Os participantes foram 163 docentes que atuavam na rede básica de ensino, no Ensino Fundamental e Médio, da rede estadual de uma cidade do Vale do Paraíba (SP). Foram analisados os níveis de ansiedade e depressão dos professores, utilizando as escalas Beck Anxiety e Beck Depression Inventory.	A1	2018

Fonte: A autora (2024)

FIGURA 5 - Relação dos artigos selecionados do 18 ao 22 - BVS, Capes Periódico, Pepsic e Scielo

18	Farney Vinícios Pinto Souza;	Adoecimento mental e o trabalho do professor: um estudo de caso na rede pública de ensino	Cadernos de Psicologia Social do Trabalho	A pesquisa teve direção com a abordagem multidimensional de Le Guillant. Para a coleta de dados foi necessária uma pesquisa documental, entrevistas semi estruturadas, visitas in loco e entrevistas em profundidade. Os entrevistados foram nove professores que atuam no Ensino Fundamental I e II.	A3	2018
19	Beatriz Colabone Siqueira; Maria Lucia Boarini;	A saúde do professor no cotidiano escolar- Uma pesquisa histórica	Psicologia da Educação	O estudo caracteriza-se como uma pesquisa documental, que tem como objeto de estudo os Anais do I Congresso Nacional de Saúde Escolar, do ano de 1941, na cidade de São Paulo.	A2	2018
20	Daniela Zanoní Moreira; Maria Beatriz Rodrigues;	Saúde mental e trabalho docente	Estudos de Psicologia	A pesquisa se situa na Região Metropolitana de Porto Alegre, foram analisados prontuários dos professores afastados, segundo os pareceres da Junta de Inspeção de Saúde do Município. O estudo se caracteriza como um estudo de caso, descritivo, foram utilizadas técnicas quantitativas e qualitativas.	A1	2018
21	Juliana Campos Schmitt; Priscila Reis Vieira; Elita Betânia de Andrade Martins;	O exercício da docência entre incentivos e regulações: o processo de adoecimento do professorado da Educação Básica	Educação em Perspectiva	Revisão bibliográfica sobre as ações que podem ser consideradas reguladores nas ações docentes, limitando a autonomia do professor e refletindo em sua desvalorização, levando-o a um sofrimento, estresse, e posteriormente resultando em um adoecimento.	A2	2018
22	Marilda Gonçalves Dias Facci; Sonia da Cunha Urt; Ana Teresa Fernandes Barros;	Professor readaptado: a precarização do trabalho docente e o adoecimento	Psicologia Escolar e Educacional	O procedimento adotado foi de uma entrevista semi estruturada, foram 20 professores readaptados da educação básica, sendo 18 do sexo feminino e 2 do sexo masculino.	A2	2018

Fonte: A autora (2024)

FIGURA 6 - Relação dos artigos selecionados do 23 ao 27 - BVS, Capes Periódico, Pepsic e Scielo

23	Regina Zanella Penteadó;	Autonomia do professor: uma perspectiva interdisciplinar para a cultura do cuidado docente	Educação Temática Digital	Revisão bibliográfica que visa articular e compreender a autonomia docente e como ela é interpretada nos campos da Saúde e Educação.	A1	2018
24	Valéria Aparecida da Silva; Ana Késia Santos Coimbra; Celso Takashi Yokomiso;	Saúde dos professores do ensino fundamental da rede pública e a construção dos espaços psíquicos compartilhados.	Nesme	Pesquisa de caráter qualitativa, com a participação de sete professores da rede pública de ensino que atuam na Educação Básica, sendo na Educação Infantil e Ensino Fundamental I. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista aberta, com o tema disparador "saúde e desafios da atividade de professor". A análise de dados se deu a partir dos pressupostos da Psicanálise e contribuições de René Kaes.	B2	2017
25	Franciele Ariene Lopes Santana; Ildio Roda Neves;	Saúde do trabalhador em educação: a gestão da saúde de professores de escolas públicas brasileiras	Saúde e sociedade	Revisão integrativa de literatura dos últimos 25 anos (1990-2014), que busca compreender "se" e "como" a gestão em saúde do trabalhador tem ações e políticas de preocupação com o adoecimento docente.	A3	2017
26	Pedro Afonso Cortez; Marcus Vinícios Rodrigues de Souza; Laura Oliveira Amaral; Luiz Carlos Avelino da Silva;	A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente	Cadernos Saúde Coletiva	Análise das publicações da Biblioteca Virtual de Saúde em Psicologia (BVS-Psi) numa linha temporal de 14 anos (2003-2016), buscando na literatura nacional produções relacionadas à saúde no trabalho docente.	B1	2017
27	Luiz Almeida da Silva; Jéssica Nayara Fritsch; Rita de Cácia de Marchi Barcelos Dali; Giulena Rosa Leite; Ludmila Grego Maia; Sebastião Elias da Silveira; Renata Alessandra Evangelista; Bruno Bordin Pelazza;	Riscos ocupacionais e adoecimentos entre professores da rede municipal de ensino	Jornal Health NPEPS	Estudo transversal, quantitativo, com a participação de 33 professores da rede municipal de ensino que foram afastados por doença relacionada ao trabalho no ano de 2013, com o objetivo de analisar e reconhecer os riscos ocupacionais e as causas do adoecimento docente.	B2	2016

Fonte: A autora (2024)

FIGURA 7 - Relação dos artigos selecionados do 28 ao 30 - BVS, Capes Periódico, Pepsic e Scielo

28	Liciane Diehl; Angela Helena Marin;	Adoecimento mental em professores brasileiros: Revisão Sistemática da Literatura	Estudos Interdisciplinares em Psicologia	Revisão sistemática de literatura, desenvolvida de acordo com as normas do Preferred Reporting Items for Systematic (PRISMA). Analisando produções nacionais entre os anos de 2010-2015 sobre a temática dos sintomas e adoecimentos psíquicos entre os docentes brasileiros.	A3	2016
29	Rita Buzzi Rausch; Eliani Dubiella;	Fatores que promoveram mal ou bem-estar ao longo da profissão docente na opinião de professores	Revista Diálogo Educacional	Pesquisa de abordagem qualitativa de caráter exploratório, a coleta de dados ocorreu por meio de um questionário com questões fechadas e abertas aos 34 docentes, que estavam em situação de final de carreira (faltando até cinco anos para se aposentar) do município de Blumenau.	A1	2013
30	Ada Ávila Assunção; Dalila Andrade Oliveira;	Intensificação do trabalho e saúde do docente	Cedes	Revisão de literatura de caráter epidemiológico e ergonômico, referente ao processo de intensificação do trabalho nas escolas e o tipo do adoecimento docente.	A1	2009

Fonte: A autora (2024)

2 REVISÃO INTEGRATIVA

A revisão integrativa corresponde a um método de pesquisa, cuja abordagem tem como objetivo facilitar e melhorar a coleta, extração, análise e síntese de dados (HASSUNUMA, 2024, p. 02), sendo considerada mais abrangente, pois seleciona diferentes dados e metodologias para estudo. A revisão integrativa da literatura permite ao pesquisador aproximar-se da problemática que deseja apreciar, traçando um panorama sobre a sua produção científica (BOTELHO, 2011, p. 133). Nesta pesquisa, o modelo de revisão integrativa foi escolhido para a realização de sínteses e análise de dados de artigos sobre a saúde mental dos docentes.

Foi realizada a leitura dos artigos na íntegra, iniciou-se pelos materiais mais atuais para os mais antigos, conforme disposto no quadro apresentado. Foram analisadas as preocupações acerca da temática, as diferenças abordadas pelos pesquisadores em seus estudos, as causas e fatores de riscos que contribuem para o adoecimento docente, levando em consideração os diferentes contextos educacionais do Brasil. Abaixo é possível observar uma breve síntese dos materiais coletados.

Cunha, S.D.M. et al (2024) na pesquisa intitulada “Vivências, condições de trabalho e processo saúde-doença: retratos da realidade docente, inicia sua investigação, realizando uma análise histórica, criando marcos conceituais acerca do tema, relacionando a situação atual do trabalho docente, com as reformas educacionais implantadas na década de 1990, refletindo diretamente na desvalorização docente e precarização do trabalho. O estudo contou com professores de ambos os sexos, da rede pública de ensino, atuantes no ensino fundamental e ensino médio, da cidade de Montes Claros - MG. Os docentes relataram que o processo de desvalorização da educação, restrições financeiras por parte do estado, conflitos cotidianos do trabalho docente afetam diretamente no chamado “mal-estar docente”, ocasionando sentimentos de frustrações, sobrecargas e adoecimento.

Assunção e Barbosa (2024) elaboraram o dossiê “Invisibilidade social do adoecimento de professores da educação básica no Brasil”, referente aos diversos questionamentos de pesquisadores que produziram evidências sobre o adoecimento docente. As autoras criticam a ausência de ações concretas para solucionar esses

problemas e de produções de políticas públicas referentes à temática, levando em consideração o extenso trabalho pela busca de evidências científicas que garanta um bem estar docente e uma valorização da profissão do trabalho pedagógico.

O artigo “Relação Professor-aluno e o drama da psiquiatrização docente: um estudo a partir de dados do município de Goiânia” dos autores Rosa, J.S. et al (2024) se propõe analisar os prontuários de licença médicas disponibilizados pela Junta Médica Municipal de Goiânia, referente aos docentes afastados de sala de aula. O artigo relaciona a complexidade dialética ao adoecimento psíquico, segundo os autores, deve-se considerar a condição do docente e a sua totalidade humana, isto é, considerar que, em muitos casos, a constituição social do adoecimento constitui-se em cerceamento da possibilidade desse processo vir a ser uma forma de atravessar novas vivências (p.3, 2024). As questões sociais, de gênero, hierárquicas, refletem diretamente no sofrimento e sobrecargas dos docentes, conduzindo-os para ações conflituosas e no adoecimento dos docentes.

Silva, J.C. et al (2023) em seu estudo “Desgastes e sacrifícios” medicados: A relação trabalho e adoecimento na vida das professoras brasileiras”, retrata o adoecimento docente, reflexo do trabalho e a utilização de medicamentos, cada vez mais frequentes no âmbito educacional, sendo citado pelos autores como considerado um “recurso pedagógico” pelos professores. A busca pelos medicamentos associa-se com o aumento de diagnósticos de transtornos psíquicos, levando em consideração a sobrecarga e os desafios da classe docente, especialmente em função da pandemia do Coronavírus (Covid-19). O estresse citado diversas vezes durante a pesquisa pelos professores, é o fator principal da busca por medicamentos, sendo o causador de distúrbios físicos e transtornos psiquiátricos.

Campos e Viegas (2023) no artigo “Sofrimento no trabalho e estratégias dos professores contra o adoecimento psíquico” busca compreender e analisar as estratégias de defesa dos docentes em seu combate contra o adoecimento psíquico. Baseando-se na Psicodinâmica do Trabalho de Dejours, que traz como teoria, que o trabalho inevitavelmente traz efeitos para a vida do trabalhador, seja positivo ou negativo, utilizando os termos “prazer” e “sofrimento” respectivamente. Analisando os dados da pesquisa, é possível identificar, que os docentes buscam e realizam estratégias de defesa ou enfrentamento para suportar os contratemplos do trabalho

docente, seja consciente ou inconscientemente. Essas estratégias auxiliam na preservação da saúde mental.

A pesquisa de Viegas (2022), intitulada “Trabalhando todo o tempo: sobrecarga e intensificação no trabalho de professoras da educação básica”, analisa a sobrecarga do trabalho docente na educação básica, principalmente das professoras, que se dividem em jornadas intensas de trabalho, entre escola e ambiente doméstico. O conceito de “carga” e “sobrecarga” de trabalho é apresentado baseado em diferentes autores. No caso das professoras, a carga e intensidade das atividades realizadas, também deve-se considerar o trabalho doméstico, já que em sua grande maioria, as atividades escolares também são realizadas no espaço de casa. O resultado da pesquisa aponta que essas mulheres, além da sobrecarga de trabalho, participam significativamente na renda familiar, contribuindo com mais de 50% e/ou arcando com 100% do sustento familiar. Muitas professoras buscam soluções para o aumento da renda, ao trabalharem em diferentes turnos. Conclui-se que o adoecimento é consequência da intensificação do trabalho, sendo assim necessário maiores discussões acerca da relação entre trabalho docente e gênero, compreendendo que o trabalho da mulher não se limita apenas no âmbito escolar.

Minghetti, L.R. et al (2022) apresenta uma revisão de narrativa no artigo “Mal-estar docente: fatores de risco de adoecimento e sofrimento de professores em decorrência do trabalho”, sendo um recorte de um Projeto de Tese de Doutorado em Ciências Ambientais (UNESC-SC), tendo como objetivo principal “descrever os riscos de adoecimento e sofrimento de professores em decorrência do trabalho”. Durante a pesquisa foi encontrado, que em comparação a outras profissões, os professores obtêm menores resultados para saúde física e bem-estar psicológico, refletindo no adoecimento docente, especialmente psicológico. Os principais diagnósticos são: depressão, ansiedade, pânico e Síndrome de Burnout. Outros fatores podem ser considerados agravantes na saúde do professor, sendo eles: físicos, químicos, biológicos, mecânicos, sociais, econômicos, tecnológicos e organizacionais. Os autores expõem a necessidade dos gestores, governantes e a sociedade de colaborar com a diminuição dos fatores de risco, buscando soluções para o adoecimento docente e incapacitação para o trabalho.

Diniz e Lopes (2022) apresentam um estudo bibliográfico titulado “A formação inicial de professoras marcada pela interseccionalidade e o impacto na saúde física e mental das docentes” sobre o adoecimento docente e a precarização da formação docente inicial e continuada. Os autores compreendem que é na formação inicial e continuada dos professores que haverá o comprometimento de perpassar para os estudantes, por meio da educação, uma problematização permanente de mudança da sociedade, baseada na igualdade de gênero, sendo democrática e tomada pelo “caráter interseccional”. Um fator de importante destaque, é a complexidade acerca da feminização do magistério, sendo uma profissão ocupada majoritariamente por mulheres, pautada no “instinto maternal” das mulheres. Além da desigualdade de gênero, a de raça e classe também são abordados, sendo considerados desafios sociais. É proposto o questionamento da binaridade de gênero e os papéis sociais biologicamente definidos, buscando uma equidade nesses setores, assim sendo possível um olhar atento às condições de trabalho das professoras.

No artigo “Revisão sistemática internacional sobre agravos à saúde mental de professores” de Trevisan, K.R.R. et al (2022), os autores realizaram uma revisão sistemática caracterizando o perfil epidemiológico de agravos à saúde mental dos docentes. Na pesquisa foram encontrados dados sobre os perfis dos docentes mais vulneráveis às doenças psicológicas, sendo eles: mulheres, sem companheiros, com alto nível de escolaridade e com histórico familiar de doenças psicológicas. Nos textos encontrados, foi unânime a citação da “sobrecarga” de trabalho, tornando os docentes uma população vulnerável ao adoecimento. A intencionalidade da pesquisa, segundo os autores, foi “servir” como apoio para o estado, visando numa política pública educacional, voltada à prevenção e apoio aos professores.

Na pesquisa intitulada “Saúde Mental, adoecimento e trabalho docente” dos autores Silva, J.C.et al (2021), um questionário foi aplicado, tendo como escala para as respostas o nível de prazer e sofrimento dos docentes no trabalho, conforme também citado no artigo anterior. A pesquisa apresenta um aumento de trabalho dos professores e uma exigência significativa, causando uma sobrecarga física e mental. O aumento na demanda pedagógica e a ausência da valorização do trabalho docente, é considerado um dos maiores fatores do adoecimento docente, sendo os mais citados durante a pesquisa. Outro ponto considerado importante

pelos autores, sendo sinalizados como situações de risco, é a utilização de medicamentos pelos professores, sendo um indicativo e um sinal de alerta para o processo de adoecimento na educação e a necessidade de um olhar atento a essas condições de trabalho.

Palacios e Fleck (2021) autoras do artigo “Docente ou doente: como fica a rotina dos profissionais da educação com o crescente adoecimento emocional”, busca identificar as consequências das patologias emocionais na rotina de trabalho dos professores da rede estadual do Rio Grande do Sul. Nos dados coletados, muitas das patologias estudadas pela área da Psicologia e da medicina do trabalho, são influenciadas pelo estresse. Houve uma entrevista com três professoras e com um grupo focal de professoras que exercem cargo de chefia. O relato das professoras culpabiliza o estado pela situação do adoecimento, causado por transferências indesejadas, falta de suporte administrativo, estresse, desvio de função, entre outros. Já as professoras, que atuam nos cargos de chefia, expõe a dificuldade de manter as equipes motivadas, pela falta de profissionais, recursos e que muitas vezes, com a alta demanda, não consegue auxiliar e apoiar os docentes, refletindo em um desgaste e sobrecarga também da equipe diretiva, que precisa conciliar diferentes funções. Essas demandas contribuem para uma precarização da educação, enfraquecimento da qualidade de ensino, insatisfação profissional e afetam na saúde mental dos docentes, independente em qual cargo estarão atuando dentro ou não das escolas.

Na pesquisa “Prevalência e fatores relacionados a transtornos mentais comuns entre professores da rede municipal de ensino, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil” dos autores Machado e Limongi (2019), o estudo busca associar o adoecimento docente com as condições sociodemográficas, ambientais e laborais. O resultado da pesquisa apresentou um alto índice e considerou as professoras como “grupo de risco”, pois as mulheres apresentam risco até duas vezes maior que os homens. Os autores apontam como justificativa, o aumento do acesso à educação no século XX, sendo necessário um número maior de profissionais para atender a demanda. Sendo considerada uma profissão tipicamente feminina e com o viés de “cuidado”, “carinho” e “amor fraternal”. Outro fator que está relacionado ao adoecimento mental dos docentes, é a violência na qual eles estão expostos. Já que a indisciplina pode transgredir além dos muros da escola, causando grandes

prejuízos emocionais aos professores. A presença de psicólogos dentro das escolas é uma sugestão dos autores, para debater, auxiliar e colaborar com o processo de ensino-aprendizagem, tendo como resultado, uma melhora no convívio escolar.

Facci (2019) no artigo nomeado “O adoecimento do professor frente à violência na escola”, aborda o adoecimento docente desencadeado pelas violências existentes dentro das escolas. Na pesquisa, a violência na escola se entende como uma violência que se remete à escola e o seu entorno, ou seja, a comunidade. Inclusive nas relações no qual são estabelecidas no contexto escolar. Os professores apontam como violência: falta de respeito nas relações, agressividade, seja violência física ou verbal, violência em forma de cobrança da escola, da visão e transferência de responsabilização como função dos professores, violência contra quem possui dificuldade de aprendizagem, violência entre professores, ausência de condições para que os alunos aprendam de maneira efetiva e desinteresse dos discentes. Ao serem questionados sobre as causas das violências, os docentes em sua maioria associam e culpabilizam os familiares, relacionando a violência existente como problemas pontuais e individuais, excluindo o social e suas causas. A autora traz questionamentos acerca de como resolver os problemas de violência em uma sociedade tida como violenta, além da importância de buscar formas de combater essas situações dentro do processo educativo e âmbito escolar.

A pesquisa “Invasão multiforme da vida pelo trabalho entre professores de educação básica e repercussões sobre a saúde” de Silva e Fischer (2019), tem como objetivo investigar as consequências e a repercussão do trabalho na vida pessoal dos professores, já que é algo normalizado, dentro da profissão, levar trabalho para casa, no que deveria ser um momento de descanso e lazer. O termo “invasão da vida pelo trabalho” foi escolhido pelos autores, já que as demandas de trabalho avançam cada vez mais sobre a vida privada dos profissionais, gerando uma dificuldade de se desligar do trabalho, causando danos para a saúde. Os termos invasão material e imaterial também facilitaram o entendimento acerca do objeto de pesquisa. A invasão material se refere aos materiais levados para casa, como provas para serem corrigidas, já a invasão imaterial, se refere ao emocional, levar as preocupações, angústias, e sensação de deveres a cumprir, sendo considerado o mais nocivo. Todos esses problemas causam um sofrimento para os profissionais, acarretando numa desmotivação e adoecimento dos docentes, esses

elementos podem auxiliar a justificar os grandes números de adoecimento dos professores.

Oliveira (2019) no estudo “Piorou a diabetes pelo emocional: Precarização do trabalho docente e adoecimento dos professores paulistas” aborda um olhar atento ao histórico e condições da atuação docente no Brasil, para assim compreender as consequências atuais na qual a profissão docente se encontra. O artigo faz parte de uma pesquisa de nível de doutorado, intitulada na sua finalização “Professor, você trabalha ou só dá aula? O “Fazer-se Docente entre História, Trabalho e Precarização na SEE-SP”. Para a realização da pesquisa, três professores aposentados que atuaram entre 1950/1960-1990 foram entrevistados e concordaram que o adoecimento docente não era algo frequente entre os colegas na época em que lecionava. É possível então, relacionar à intensificação do trabalho docente e os aumentos das demandas no final do século XX, com o adoecimento docente. Foi a partir desse momento histórico, que a preocupação sobre a saúde do professor atingiu maiores proporções e ganhou ênfase no âmbito acadêmico. A autora retrata que as condições do adoecimento docente são criadas e causadas pelas condições de exploração e alienação do trabalho, desumanizando os docentes, que não são enxergados como trabalhadores. Essas situações não causam apenas um adoecimento no docente, mas como também um adoecimento no ensino básico e na escola pública no Brasil.

O trabalho “Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão” de Penteadó e Neto (2019), é uma revisão de literatura que analisou 12 publicações e trouxe uma discussão sobre o adoecimento docente e a visibilidade desse problema na sociedade. O corpo do docente também foi objeto de pesquisa e discussão, e a sua problemática do mal-estar, uma cultura de esquecimento das próprias necessidades, uma naturalização dos problemas, sofrimentos e uma demora em buscar ajuda profissional, priorizando as demandas de trabalhos. Todos esses fatores remetem a relação de vocação com a profissão, voltando à ideia de que para ser professor tem que ter vocação, amar o que faz, etc. O artigo traz a importância de pensar e incluir o cuidado com o corpo como cultura e da socialização docente. Levantar pautas sobre o cuidado, saúde e bem-estar, não normalizar o sofrimento, seja ele físico ou

mental, o professor precisa primeiro cuidar de si, para então estar presente e contribuir para a formação da cidadania e bem-estar social.

Os autores Ferreira-Costa e Silva (2018) com o estudo intitulado “Ansiedade e depressão: o mundo da prática docente e o adoecimento psíquico” analisa os níveis de ansiedade e depressão dos docentes que lecionavam no ensino básico da rede pública estadual de uma cidade paulista.

A pesquisa buscou verificar os sintomas da ansiedade e depressão dos professores, o grau de satisfação dos docentes em seus âmbitos de trabalho e quais docentes estavam em atendimento com psicólogos e/ou psiquiatras e se faziam uso de medicamentos. Na análise dos resultados, sugerem que 58% dos docentes entrevistados estavam em processo de adoecimento mental, 20,6% estavam em uso de medicamentos psicotrópicos e 3,1% eram acompanhados por psiquiatras. Fatores de influência e análise também são as idades dos entrevistados, que no estudo aponta que as pessoas com idade superior aos 60 anos apresentaram níveis menores de sintomas depressivos e ansiosos. Os docentes com 2 filhos e/ou mais, também apresentaram índice menor de sintomas, em contrapartida daqueles que possui apenas um, já que a sobrecarga e a dificuldade de auxiliar a rotina com estilo de vida demanda um desgaste emocional maior para os pais de primeira viagem, enquanto os pais de dois filhos ou mais já possuem experiência. Em relação à formação profissional dos docentes, os que possuem maior capacitação profissional apresentaram maiores índices de sintomas depressivos, podendo ser considerada a alta cobrança acerca de formação. A percepção dos autores após analisar as entrevistas é que a relação com as outras pessoas causa um grande esgotamento mental, e à docência se faz por relações interpessoais, refletindo em uma carreira desgastante. Essas situações, somando com a desvalorização da profissão, os salários baixos, o desrespeito, entre tantos outros fatores são os causadores de uma insatisfação profissional e desgaste mental.

Souza (2018) no estudo de caso “Adoecimento mental e o trabalho do professor: um estudo de caso na rede pública de ensino”, o autor analisa as condições de trabalho dentro das escolas e as potencialidades inseridas nelas que podem influenciar e condicionar em um adoecimento. A organização do trabalho pedagógico e como ela está estruturada, reflete e tem impacto na saúde mental dos educadores. Os docentes entrevistados relatam uma falta de autonomia, seja na

realização e escrita do regimento interno quanto no momento de avaliação dos alunos, isso é um reflexo da relação com a gestão. A maneira como a gestão lida com a organização do trabalho, pode resultar em ambiente propício ao adoecimento. Na pesquisa, é apresentado dois perfis de gestão: autoritário e descentralizado, nos dois exemplos apresentados, os professores relatam reflexos negativos sobre os mesmos e retratam a impossibilidade de atuar e exercer o papel docente sem adoecer. Essa afirmação é referente aos vários aspectos da organização do trabalho, o autor ainda finaliza a pesquisa, retratando que não é possível elencar os fatores em maiores e menores potencialidades para o adoecimento, já que cada pessoa lida com uma situação de um jeito.

Siqueira e Boarini (2018) na investigação “A saúde do professor no cotidiano escolar- Uma pesquisa histórica” busca compreender como o assunto “saúde do professor” tem sido abordado na literatura científica. Dessa maneira, foram utilizados os Anais do I Congresso Nacional de Saúde Escolar, do ano de 1941. Os trabalhos analisados, em sua maioria referiam-se às doenças de maneira geral, seja em alunos ou na população escolar, também indicavam a necessidade de o professor ter formação adequada para lidar com as doenças dos alunos, cuidados e ensinar sobre a importância de hábitos saudáveis. Referente à saúde do professor, apenas 15% dos trabalhos apresentavam essa temática como destaque, abordando a necessidade de o professor estar saudável para o ensino ser eficaz. Outra vertente que apareceu nos trabalhos foi a discussão acerca das demais atribuições causadoras de desgaste e adoecimento do docente. A saúde mental dos professores apareceu em alguns trabalhos, expondo que o transtorno mental mais frequente dos docentes era a “psicose maníaco-depressiva”, levantando a necessidade de exames médicos periódicos, que analisassem a personalidade dos professores. No entanto, outro autor, apontou que o diagnóstico predominante nos professores era a “psiconeurose”, mas considerou que a profissão não tinha influência com o adoecimento, e sim fatores familiares. As autoras concluem que as preocupações da I CNSE eram outras, voltadas principalmente para a saúde das crianças e a realidade na qual a sociedade brasileira estava inserida na década de 40, porém é possível fazer relação com a atual situação em que vivemos. Os professores continuam lidando com situações que são externas ao contexto escolar,

mas refletem nas condições de vida da população e implicam diretamente no processo escolar e na saúde dos professores.

No estudo intitulado “Saúde mental e trabalho docente” das autoras Moreira e Rodrigues (2018) apresenta as causas dos afastamentos de professores em um município do Rio Grande do Sul, utilizando como documento para a pesquisa as licenças médicas apresentadas durante um ano e uma entrevista com os docentes afastados. As mudanças da organização do trabalho, atreladas com as questões econômicas, sociais e tecnológicas da sociedade, são fatores que contribuem e interferem na saúde mental do trabalhador. O trabalho docente possui fatores únicos, que geram estresse, desconforto e refletem no comportamento dos profissionais. As autoras caracterizam a pesquisa como um estudo de caso, já que busca identificar os problemas de maneira global, identificando os fatores causadores do adoecimento. Durante sua análise, foi possível identificar por meio dos relatos dos entrevistados, a sobrecarga como um reflexo dos afastamentos dos professores, já que há uma escassez de professores disponíveis para substituição e o trabalho pedagógico não possui continuação. Os entrevistados também relataram outros pontos de sobrecarga, sendo eles: alta demanda com turmas numerosas, necessidade de atendimento especializado para os alunos de inclusão, condições estruturais das escolas, violência constante, relacionamento conflitante com a comunidade. Além do estigma negativo acerca da doença mental por parte da gestão e colegas professores, associando com preguiça e vontade de não trabalhar. Conclui-se na pesquisa, que as características da organização do trabalho é o principal causador de adoecimento mental dos professores, as autoras sugerem e apontam a importância de solucionar esses problemas e da necessidade de uma atenção maior para a saúde dos docentes, já que a educação é um dos elementos de acesso e exercício da cidadania, e contribui para a inclusão do sujeito no mundo.

Schmitt, J.C. et al (2018), na revisão bibliográfica “O exercício da docência entre incentivos e regulações: O processo de adoecimento do professorado da educação básica” refletem sobre a necessidade de buscar soluções para a prevenção do adoecimento docente. As autoras retratam que mesmo havendo um piso salarial nacional, ainda há grande disparidade em relação à carreira e salário dos professores em diferentes partes do Brasil, sendo a remuneração, um fator de valorização, e os baixos salários podem influenciar no trabalho docente e na

qualidade do ensino. Uma má remuneração, atrelada com ambientes nocivos de trabalho, sobrecarga, violência, desvalorização, falta de autonomia, são fatores que resultam em um abandono da carreira do magistério, além de desmotivar novos professores a adentrar na profissão. Na revisão, é exposto que há falta de autonomia dos docentes, sendo necessário seguir os currículos impostos pelo Estado, já que eles regulam os conteúdos, os métodos avaliativos, além de medir a qualidade do que é ofertado nas escolas por meio de avaliações externas. Com todos esses fatores, é possível afirmar que os docentes estão submetidos a “estressores psicossociais”, o que pode resultar na síndrome de Burnout. A sugestão exposta pelas autoras, é a inserção dos professores em programas para promoção e/ou prevenção de sua saúde, para tentar sanar e evitar o adoecimento docente, além de identificação dos fatores de regulamentação e controle do Estado.

O artigo “Professor readaptado: a precarização do trabalho docente e o adoecimento” de Facci, M.G.D et al (2018) tem como objetivo discutir a relação entre o adoecimento docente do professor readaptado e a precarização do trabalho. O professor readaptado ele tem sua função alterada, dependendo de sua capacidade física ou intelectual, ou seja, ele permanece na escola, porém não ministra as aulas. A pesquisa foi realizada com 20 professores da educação básica do Norte do Estado do Paraná, sendo 18 mulheres e 2 homens, expondo que a precarização do trabalho pedagógico, incide com as reformas educacionais de 1990, aumentando a responsabilidade para as escolas, e assim, intensificando o trabalho do docente. Os professores entrevistados, mencionaram que não sentem prazer em lecionar, além disso, apontaram como causa, a cobrança excessiva, as condições de infraestrutura física das escolas, salas superlotadas, falta de materiais necessários para a aplicação das aulas, organização do trabalho pedagógico e sistema de avaliação. Eles também retratam que o contato com os alunos, observá-los aprendendo são pontos positivos do trabalho, mas que não são suficientes para evitar o adoecimento. Com embasamento teórico, as autoras abordam a ideia de estranhamento de Marx, compreendendo que o professor não se sente em casa no trabalho, sendo o adoecimento uma barreira de proteção quanto aos constantes desgastes e precarização do trabalho docente, um fator que vai além da esfera individual, sendo necessário mais estudos sobre o processo de readaptação dos professores.

Penteado (2018) no artigo “Autonomia do professor: uma perspectiva interdisciplinar para a cultura do cuidado docente” evidencia os problemas vividos pelos docentes no seu âmbito de trabalho e como a autonomia pode favorecer o cuidado com a saúde do professor. Outro fator importante, é a crítica aos estudos sobre a temática que visam o individual, e não a dimensão coletiva da categoria docente. A falta de autonomia é uma modo de desvalorização, gerando uma precarização do trabalho docente, essa afirmação é comprovada por diferentes artigos, porém a autora desta pesquisa, cobra a necessidade de articulação com as informações existentes para a necessidade de construir espaços de inclusão que discutam a importância do cuidado no âmbito educacional, o cuidado com o corpo e mente do docente, além que seja aberto espaços de discussões sobre as problemáticas existentes dentro das salas e escolas, sendo necessário se tornar comum a cultura de cuidado do professor.

A pesquisa intitulada “Saúde dos professores do Ensino Fundamental da Rede Pública e a construção de espaços psíquicos compartilhados” de Silva, V.A. et al (2017) busca refletir sobre os sofrimentos psíquicos dos professores do ensino fundamental com contribuições da Psicanálise de Grupo, de René Kaes . As causas do sofrimento são várias, sendo elas: a desvalorização, carga horária excessiva, diferentes condições de trabalho, entre outros. Mesmo com avanços em políticas públicas, a categoria docente ainda é bem fragilizada e esses fatores desencadeiam doenças como quadros depressivos e ansiosos, transformando a atividade docente em algo desprazeroso, causando um isolamento do professor e uma ruptura nas relações. Por esse motivo, o psicanalista René Kaes, sugere a construção de “espaços psíquicos comuns e compartilhados”, no qual os docentes podem se reunir e buscar enfrentamentos em conjunto, se sentindo acolhidos, valorizados pela sua singularidade, que compartilhem suas angústias e volte a se sentir parte da escola, reconectando os laços perdidos com gestores, professores, alunos e famílias. Acredita-se que a saída dessa situação se dá pela fala, e por esse motivo, esse espaço ajudará na promoção da saúde do docente.

Santana e Neves (2017) na revisão de literatura “Saúde do trabalhador em educação: a gestão da saúde de professores de escolas públicas brasileiras” tem como objetivo compreender “se” e “como” as políticas públicas estão abordando e/ou lidando a gestão de saúde dos professores. O termo mal-estar docente é

utilizado, segundo os autores, desde 1950, se referindo quando algo não vai bem, mas não se sabe os motivos, causando ausências, redução da qualidade de ensino e sofrimento humano. Os autores analisam duas pesquisas com a temática “gestão em saúde” e destacam a necessidade de discussão sobre esse assunto, e que o “silêncio” oculta a existência dos fatos, sendo encontrado mais produções com evidências sobre o adoecimento, do que sobre uma gestão de saúde pública, apenas em dois estudos esse termo foi abordado, porém as pesquisas eram vagas ou não obtêm resultados. Por esse motivo, no espaço de conclusão, os autores reforçam a importância de uma reestruturação do espaço em diferentes contextos educacionais, para cuidar da saúde do docente. Com ênfase em políticas públicas que entrelaçam a saúde e a educação, além de políticas de gênero, já que as mulheres são a maioria na profissão do magistério.

Cortez, P.A. et al (2017) no trabalho intitulado “A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente” analisa publicações da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) em um período de tempo de 14 anos (2003-2016), e busca pesquisas que apontem a saúde no trabalho docente, o adoecimento docente e o sofrimento psíquico. Nos artigos expostos, foram encontrados um padrão de pesquisa, sendo dividido em: aspectos contextuais do trabalho docente, sintomas físicos, sintomas psíquicos, promoção de saúde, políticas públicas e organização do trabalho, análise das legislações trabalhistas e aspectos teóricos-metodológicos. Em relação aos participantes dos estudos, os professores do ensino básico de redes públicas foram os mais abordados. Portanto, um ponto relatado pelos autores na elaboração da revisão de literatura, foi que mesmo com diversos estudos, com informações concretas, as políticas públicas para a resolução desses problemas são pouco impactadas, mantendo estagnado o contexto de precarização e intensificação do trabalho docente iniciando em 1990. Os autores apontam também, a necessidade de pesquisa sobre a saúde do trabalhador na educação infantil, redes particulares, espaços de educação não formal e ensino à distância, que não foram encontrados e/ou abordados na pesquisa. E concluem que há indícios que o adoecimento físico e mental dos professores acontece por meio de condições de administração do trabalho e promoção de saúde insatisfatórias, sendo essencial incluí-lo no âmbito de saúde coletiva.

O estudo “Riscos ocupacionais e adoecimentos entre professores da rede municipal de ensino” de Silva, V.A. et al (2017) busca identificar o conhecimento dos docentes acerca dos riscos ocupacionais do seu ambiente de trabalho e as causas. Entende-se que as doenças relacionadas aos professores se tornam mais emergentes e que suas condições de trabalho apresentam um salário não apropriado, descaso, insatisfação, não acesso adequado a bens e serviços, desvalorização profissional e social, colocando o docente em vulnerabilidade ocupacional. As mulheres representaram mais de 90% dos participantes da pesquisa, com idades médias de 45 anos e tempo de serviço de 17 anos, com afastamentos entre 28/38 dias. As causas do adoecimento variam entre osteomusculares, psicossociais e doenças do sistema respiratório e cardiovascular. Referente a assistência da Secretaria de Educação, os educadores relataram não ter tido ajuda na sua recuperação e acreditavam que essa ação serviria como uma valorização profissional. Os docentes descreveram a profissão como cansativa e destacaram como possíveis causadores de adoecimento a sobrecarga de trabalho e a postura ereta prolongada. E quando questionados se gostariam de trocar de profissão, mais de 80% relatou que não, que aprecia seu ofício, porém foi unânime a concordância sobre o ambiente de trabalho do professor ser potencialmente propício para um novo adoecimento. Os autores concluem que os docentes sentem prazer em lecionar, mas é necessária uma preocupação por parte das Secretarias Municipais de Educação, acerca de promover conhecimentos sobre os riscos ocupacionais de trabalho, visando políticas públicas que diminuam as consequências à saúde dos docentes.

Diehl e Marin (2016) na pesquisa “Adoecimento mental em professores brasileiros: Revisão Sistemática da literatura” retrata a profissão docente como uma das mais estressantes e busca em uma revisão sistemática de literatura analisar pesquisas com o objetivo de identificar os principais sintomas e/ou adoecimentos psíquicos dos professores. Os textos encontrados abrangem diversas áreas de pesquisa, considerando a saúde dos professores como um tema de interesse multidisciplinar, além da maioria dos estudos envolver escolas públicas (93%) e o Ensino Fundamental e Médio. Os autores acreditam que as escolas públicas são mais acessíveis para pesquisa pois há uma facilidade no momento das cobranças aos órgãos públicos, referente aos salários e as demandas educacionais. A

síndrome de Burnout é destacada como a doença mais estudada, pelo crescente número nos últimos anos, sendo reconhecida como um problema de saúde pública na categoria docente. Os autores relatam o pequeno número de estudos na Educação Infantil e a ausência deles na Educação Especial, sabendo que fatores de esgotamento, estresse, cansaço e desvalorização perpassam todos os níveis de ensino. Indicam também, a necessidade de maior organização por parte do sistema, invés de criar novas políticas públicas, é fundamental garantir as leis já existentes referente a valorização dos docentes.

As autoras Rausch e Dubiella (2013) do artigo “Fatores que promoveram mal ou bem-estar ao longo da profissão docente na opinião de professores em fase final de carreira” identificaram os fatores que contribuíram para o “mal-estar docente ou bem estar” no decorrer da profissão, a pesquisa foi realizada com professores da rede municipal de Blumenau em fase final de carreira. A pesquisa é iniciada relatando a impossibilidade de separar as dimensões pessoal e profissional dos professores, sendo assim, nas pesquisas, foi possível observar que a pessoa professor não está bem. A expressão “mal-estar docente” está vinculada com a insatisfação profissional, o estresse e descreve efeitos negativos na vida do professor, o receio é que essas situações afetem a qualidade da educação. As causas por esse sentimento são: falta de recursos de trabalho, violência, esgotamento, acúmulo de exigências, modificação do papel do professor, reorganização dos objetivos de ensino e modificação do contexto social. Já no conceito de “bem-estar docente”, a profissão é vista como emocional, porém sentida de maneiras distintas pelos professores, além desse conceito estar relacionado diretamente com o bem-estar dos estudantes, e pensado em um contexto mais interno do ser. No final das pesquisas, 44% dos professores relataram que se pudessem trocavam de profissões. As autoras sugerem a necessidade de reflexões pessoais e em dimensões sociais acerca da atuação do professor em sala de aula, além da necessidade de observar os sinais existentes que podem ocasionar em um mal-estar docente. Essa prática elencada com políticas públicas, e um comprometimento coletivo, são imprescindíveis para uma mudança dessa situação.

A pesquisa mais antiga é das autoras Assunção e Oliveira (2009), com o título “Intensificação do trabalho e saúde dos professores”, que visa articular, com base na literatura epidemiológica e ergonômica, a relação entre o processo de

intensificação do trabalho docente e o tipo de adoecimento descrito nas pesquisas. As causas dessa intensificação do trabalho docente decorrem das mudanças organizacionais no sistema de ensino, a partir da década de 1990. Quanto mais complexas as demandas das escolas, mais complexas são as atividades dos docentes. É esperado que essas demandas sejam dominadas no tempo em que são inseridas, por esse motivo, os docentes trabalham sob pressão, deixando de lado as relações, perdendo a qualidade do ensino e a sensação de objetivos não alcançados. Segundo as autoras, é nesse momento que o sofrimento do trabalho está associado, pois o peso e a sobrecarga de realizar um trabalho com bons resultados, esse processo de intensificação do trabalho docente, compromete diretamente à qualidade do ensino, colocando à docência em um processo de morbidade, causado por determinantes ambientais e organizacionais.

3 FATORES DE RISCO À SAÚDE MENTAL: RECORRÊNCIAS

Os fatores de risco à saúde mental dos docentes são diversos e citados em todos os artigos analisados. Mesmo com a delimitação de um período de 15 anos (2009-2024), as angústias e desafios vivenciados pelo corpo docente, estão presentes nos dias atuais, observou-se diversos fatores em comum nas sínteses descritas anteriormente.

O aumento da demanda do trabalho docente ocorreu pelo processo de universalização da educação básica, o qual produziu um aumento da incorporação da força de trabalho de professores nas escolas sem precedentes na história do país, gerando contingente de professores atuando em realidades econômicas, sociais, culturais e educacionais diversificadas (PENTEADO, 2018, p. 235). Esse processo de universalização da educação básica é reflexo da Constituição Federal de 1988, elaborada após o fim da ditadura militar, no período de redemocratização do país, garantindo direito de todos à educação, trazendo e discutindo a importância da igualdade de acesso e permanência nas escolas.

Com o aumento da demanda, fez-se necessário a universalização do ensino, causando um fator limitante na autonomia do trabalho docente: a falta de autonomia é um fator de risco e desvalorização da ação docente, podendo causar inúmeros desconfortos. Durante a análise de dados, a autonomia é abordada desde a pesquisa mais antiga (2009) e aparece em 17 artigos dos 30 analisados.

A autonomia é retratada de diferentes maneiras durante as pesquisas, em 11 artigos é abordado a ausência de autonomia dos professores e os reflexos na saúde mental dos mesmos, em 4 artigos frisam a importância da autonomia dos professores como promoção de saúde e em 2 artigos, a autonomia é vista como razoável e existente na atuação do docente. Nos 13 artigos restantes, a autonomia não é considerada.

Segundo Silva et al (p. 190, 2023) a sobrecarga de trabalho não desencadeia diretamente as alterações psíquicas. O problema surge quando essa sobrecarga está relacionada com a falta de autonomia e, em consequência, as alternativas para se lidar com esta situação ficam muito restritas.

Um exemplo da ausência de autonomia dos professores, pode ser observado na plataformização do ensino na Rede Estadual do Estado do Paraná. Atualmente, são utilizados recursos tecnológicos, como os planos de aula, além de

vídeos e aplicativos no qual os alunos devem realizar suas atividades. Essas informações são repassadas aos docentes, limitando sua liberdade na elaboração das aulas e desconsiderando as diferentes realidades socioculturais e econômicas existentes no estado do Paraná.

Tais plataformas, têm sido utilizadas como ferramenta para aumentar a burocratização no processo pedagógico, monitorar e gerenciar o sistema de ensino, por meio da gestão do currículo, atividades desenvolvidas pelos docentes, inclusão de metas e ações que devem ser desenvolvidas, números de acessos às plataformas implementadas, reduzindo a autonomia do professor em especial no que se refere a gestão da sala de aula, e a considerar as especificidades de cada turma atendida. (Pasini; Silva, 2024, p.21)

Essa realidade afeta o processo de ensino aprendizagem, o estreitamento de laços entre professor-aluno, compromete a inclusão e o respeito às individualidades dos estudantes. Além da pressão por parte do estado para a utilização das plataformas, que limitam os professores em seus planos de aula, excluindo e impossibilitando a necessidade de reflexão sobre as práticas docentes, adaptações conforme os percalços do ano letivo e as particularidades dos alunos.

A escola passa a ser pensada como empresa privada, com uma gestão gerencialista e os professores são vistos como responsáveis pelas atribuições cumulativas. Toda a estrutura e organização do trabalho da educação básica foram influenciadas pela política neoliberal, que preconiza o atendimento de maior número de alunos possível (clientelismo e formação para o mundo do trabalho), sem, no entanto, haver investimento compatível na educação pública. A atividade laboral da docência, na educação básica, é muito influenciada pelo contexto social e político no Brasil. (Cunha et al, 2024, p.3).

Tratar de autonomia de professores requer conhecimento e compreensão das contradições e das ambiguidades do trabalho docente, em meio às problemáticas da educação, do exercício da docência, dos processos de construção da identidade docente (PENTEADO, 2018, p. 243). As ações dos professores não são mais definidas por eles próprios, inclusive com implicações em seus processos formativos, retirando a liberdade docente, já que para ser professor, nos tempos atuais, é essencial que se amplie, constantemente, a profissionalização, tendo em vista que o conhecimento e a sociedade se transformam a todo o momento. (SILVA et al, 2021, p. 2).

É possível observar essa situação, no trecho abaixo:

Muitos docentes acabavam buscando capacitar-se para melhorar o salário, ter a opção de escolher a escola na qual desejavam trabalhar e para progredir na carreira docente. Assim, nesse caso, a formação não foi movida pelo desejo de enriquecimento intelectual, mas como forma de obtenção de status financeiro/ social, aspectos enfatizados pelo clima cultural vigente. (Ferreira-Costa; Pedro-Silva, 2018, p. 363).

A falta de autonomia perpassa o sentimento de invalidez do professor, que sente desvalorizado, causando preocupações e gerando estresses.

Kagan (1989) identifica cinco categorias que agrupam os fatores potencialmente estressantes no ambiente ocupacional da escola: a) falta de apoio administrativo (percebem que o diretor tem pouca consideração pelos problemas da sala de aula); b) a relação com os alunos (sentimento de incapacidade para motivar ou controlar os alunos); c) a relação com os colegas (percebem animosidade na relação com os colegas e distribuição desigual das tarefas entre os pares); d) excesso de trabalho (percebem excesso de expectativa da gestão quanto ao volume de tarefas a serem realizadas por eles); e) insegurança financeira (salários inadequados e discrepantes em face do grau de responsabilidade da sua missão). (Kagan, 1989 apud Assunção, p. 365, 2009).

O estresse no ambiente de trabalho tem inúmeras causas, a docência em si, está intimamente ligada às dinâmicas interpessoais. Quando o ambiente que deveria ser colaborativo e estimulante se torna um espaço de abuso de poder, assédio moral ou falta de apoio, isso traz resultado em tensão, frustração e desgaste emocional (MOREIRA; RODRIGUES, 2018).

O abuso de poder e o assédio moral, são exemplos de violência psicológica, esse é um fator de recorrência e de risco ao adoecimento mental dos docentes. É preciso reconhecer e discutir as diferentes violências nas quais os professores enfrentam diariamente. A carência de investimentos na educação, em especial na estrutura dos espaços escolares, bem como na formação dos profissionais, constitui-se em mais uma das formas de violências em suas diversas possibilidades de manifestação (XAVIER; ASINELLI-LUZ, 2018, p. 29).

Os baixos salários dos professores e os planos de carreira congelados representam exemplos claros de violência estrutural contra o profissional do magistério, o professor, angustiado e abandonado pelo Estado, vê-se impotente para o enfrentamento destas violências (XAVIER; ASINELLI-LUZ, 2018, p. 20).

Essas condições obrigam os docentes a trabalharem em diferentes turnos para completar e garantir uma renda digna, tais obrigações geram uma sobrecarga de funções. Sendo necessário um deslocamento entre diferentes escolas ao longo do dia, enfrentando jornadas exaustivas e condições precárias de transporte, além

de terem que lidar com demandas pedagógicas e organizacionais de cada instituição na qual atuam, assim professores/as trabalhando num ambiente com inúmeras negações de direitos e violações convivem diariamente com a violência estrutural sendo afetados/as física e psiquicamente (XAVIER; ASINELLI-LUZ, 2018, p. 108).

Esse cenário evidencia a violência da sobrecarga no sistema educacional, indo além das funções do trabalho do docente, conforme destaca Facci (2019, p. 132) fala-se de violência, mas não se busca entender por que a violência presente na sociedade acaba invadindo o espaço escolar. Não falamos das violências aqui no sentido físico, mas sim como a violência estrutural na escola acaba colocando uma pesada responsabilidade nos ombros dos professores. A escola é um reflexo do aspecto social, cultural e econômico no qual estamos inseridos e a maneira como os professores são vistos e valorizados na sociedade, enfatizando que o adoecimento dos professores não se limita ao âmbito educacional.

O trabalho docente na educação básica tem como uma de suas especificidades lidar com sujeitos de diferentes níveis de desenvolvimento e origens socioculturais, o que o transforma em um processo ainda mais desafiador para a saúde mental, com múltiplas possibilidades de satisfação e sucesso laboral – mas também de frustração e de fracasso. (Rosa et al, p. 4).

Outro fator que sobrecarrega os professores é a falta de horas destinadas ao planejamento e a organização do trabalho pedagógico, dentro do horário do seu expediente de trabalho, forçando os docentes a levarem demandas materiais para casa, como a correção de atividades e avaliações, ou a escrita e elaboração de planos de aula. Dessa maneira, o trabalho docente invade a esfera pessoal da vida do professor, essa situação é especialmente crítica para as mulheres, que representam a maior parte dos profissionais da educação, enfrentando múltiplas jornadas de trabalho, conciliando suas obrigações com as escolas e o âmbito familiar. Quando o trabalho toma o tempo de lazer dos profissionais e o trabalho do professor transcende a jornada laboral; esse tempo invade outros espaços de vida e o adocece, o destituindo de um tempo para viver (SILVA, 2021, p. 3).

A ideia que a docência é uma profissão majoritariamente feminina, traz consigo outra camada de violência, dessa vez, simbólica e enraizada na nossa sociedade. As mulheres são identificadas pelo instinto maternal e pelas habilidades

de cuidar das crianças. Nesse prisma, seriam mais afeitas às demandas da docência (ASSUNÇÃO, 2024, p.3), baseando-se no amor, cuidado, zelo e paciência

Discursos como, “ser professor é uma vocação”, “dar aulas não se faz por dinheiro”, entre outros, inundam o imaginário social do que seja à docência. Aproximam a atividade de ensino ao patamar da filantropia e do altruísmo, obscurecendo o papel do Estado, da comunidade, das famílias, enfim, de todos, na empreitada da educação. (Silva; Coimbra; Yokomiso, 2017, p. 53).

Esses apontamentos e a romantização da docência contribuem para a inviabilização das demandas reais e existentes, sendo necessárias discussões, que desmistificam os estereótipos e a desigualdade de gênero na nossa sociedade.

Compreendemos a falta de autonomia dos professores, a violência, a baixa remuneração, a sobrecarga de trabalho, a desigualdade de gênero, como fatores de risco ao adoecimento docente, por esse motivo, segundo Xavier e Asinelli-Luz (2018, p. 26) é importante ressignificar o olhar para o fenômeno do adoecimento precoce de docentes na perspectiva das contradições inerentes à profissão.

Ao apontar para um corpo que adocece, descontextualizado de suas condições de produção, limita-se a potência transformadora dos sujeitos, pois o foco recai sobre um corpo doente que deve ser medicado e não sobre um corpo docente que deve ser convocado a pensar os diferenciais de gênero, de valorização/desvalorização social e de invisibilidade do trabalho, nas mudanças da relação do sujeito atual com a verdade, o saber, e as novas formas de construção e alienação das relações de trabalho. (Silva et al, 2021, p. 3)

O adoecimento é uma consequência de diferentes fatores de risco e intensificação das altas demandas existentes no trabalho docente (VIEGAS, 2022), doenças ocupacionais anteriormente causadas por lesões musculoesqueléticas e disfonias abrem espaço para os transtornos mentais relacionados ao desgaste, sobrecarga laboral, ritmo exaustivo e conflitos interpessoais no ambiente de trabalho (MACHADO; LIMONGI, 2019, p. 326).

A ausência dos professores também gera inúmeros problemas e desconfortos para o corpo docente, desde a necessidade de substituição, com o treinamento e adaptação de professores substitutos, a descontinuidade do trabalho nas classes, entre outros decorrentes (MOREIRA; RODRIGUES, 2018, p. 238), assim a sobrecarga que já era grande, fica ainda maior, com o quadro docente enfraquecido, é como se fosse uma bola neve que vai aumentando e causando novos adoecimentos. Com a sobrecarga, outra sensação que se instala é a de impotência

e fracasso é intensificada no/a professor/a que acaba por se sentir culpado/a e culpabilizado/a pelo mal-estar da civilização contemporânea (XAVIER; ASINELLI-LUZ, 2018, p. 67)

Como resolver essas diferentes demandas, para assim proporcionar um âmbito educacional e de trabalho saudável para os docentes? A saúde e educação são áreas entrelaçadas e que produzem práticas e discursos que formam nossos modos de existir (SILVA et al, 2021, p. 2), conforme observado, há diversas discussões acerca dessa temática, a saúde dos professores tem sido foco de investigação de diversas áreas do conhecimento, sugerindo interesse multidisciplinar e coerência com a relevância do papel social deste profissional (DIEHL; MARIN, 2013, p.181).

Como relata Santana e Neves (2017, p. 795) é fundamental o entrelaçamento entre as políticas de saúde e de educação, sendo pertinente a participação das políticas de gênero, já que as professoras são a maioria dos profissionais. A valorização do/a professor/a, do ponto de vista social, laboral, financeiro, deve ser também uma das prioridades nas políticas públicas de educação (XAVIER; ASINELLI-LUZ, 2018, p. 40), levando em consideração e a importância de um ensino de qualidade, que se faz por meio de profissionais valorizados, descansados, com condições de trabalho adequadas, remuneração digna, que condizem com seus anos de formação e aprimoramento e que reflita na valorização profissional esperada, por parte das gestões, sociedade e Estado.

Acredita-se na necessidade de ações envolvendo programas de promoção de saúde, prevenção de doenças, proteção, manutenção e recuperação da saúde desta categoria profissional, desta forma contribuindo para a construção de uma sociedade saudável (SILVA et al, 2016, p. 181). As políticas públicas devem ser repensadas com o apoio e suporte psicológico, com discussões frequentes acerca do mal-estar docente, buscando soluções e fugindo do estereótipo de uma profissão marcada pelo adoecimento precoce e com tantos fatores de risco.

Considerando-se o fato de a escola ser habitada por vários atores (docentes, funcionários/gestores, alunos e suas famílias), estes sujeitos compõem uma complexa rede, formando alianças entre si para garantir, em tese, o funcionamento desse lugar. A construção do respeito e de vínculos "saudáveis" é, assim, essencial para se alcançar esse objetivo. (Ferreira-Costa; Pedro-Silva, 2018, p. 364).

As mudanças são necessárias para que a saúde do docente seja valorizada, construindo uma educação mais humana, capaz de transformar a sociedade e não de causar mais adoecimento. Que essa ideia não seja uma utopia, mas sim uma realidade futura, e que nessas mudanças, os profissionais da educação sejam reconhecidos por sua integralidade e trabalho, sem comprometer sua qualidade de vida e saúde física e/ou mental.

Na imagem abaixo, é possível observar uma tabela elencando e sintetizando os fatores de risco à saúde mental dos professores, organizado por temáticas, sendo elas: Sociedade, Política, Gênero, Escola, Profissão, Saúde e Estratégias para evitar o adoecimento docente.

FIGURA 8 - Fatores de risco à saúde mental dos docentes e estratégias para evitar o adoecimento.

SOCIEDADE	POLÍTICA	GÊNERO	ESCOLA	PROFISSÃO	SAÚDE	ESTRATÉGIAS PARA EVITAR O ADOECIMENTO DOCENTE
Desvalorização dos professores; Culpabilização das situações existentes na sociedade; Fracassos escolares nos ombros dos professores; Sociedade violenta;	Ausência de ações efetivas acerca da saúde mental dos professores; Necessidade de atenção ao adoecimento por parte da gestão e governantes; Valorização da profissão docente;	Professoras e mães; Maiores jornadas de trabalho; Renda familiar depende majoritariamente do salário da professora; Necessidade de equidade de gênero;	Sobrecarga de trabalho; Pouca qualidade de ensino; Insatisfação; Estresse; Violência; Indisciplina; Assédio moral; Desvalorização e falta de empatia com o docente doente; Ambientes nocivos; Falta de estrutura no ambiente de trabalho; Falta de recursos para a elaboração e aplicação das aulas;	Tipicamente feminina; Ideia de uma profissão por vocação e instinto maternal; Cansativa; Trabalho material e imaterial introduz os momentos de descanso e lazer; Baixos salários; Planos de carreira congelados; Falta de autonomia para formação e elaboração das aulas; Exploração e alienação do trabalho; Professores readaptados para outras funções; Ausência de estudantes em cursos de licenciatura;	Crescimento na utilização de medicamentos; Ausência e/ou demora na busca de tratamento; Ansiedade; Depressão; Síndrome de Burnout; Neurose; Reflexo da saúde mental na saúde física; Corpo do docente não é visto;	Programas de prevenção à saúde; Discussões e pesquisas sobre essa temática; Cuidado com o corpo do docente; Psicólogos no contexto escolar; Não normalização do sofrimento;

Fonte: A autora (2024)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse pelo tema da pesquisa surgiu de uma inquietação e uma experiência individual, porém ao longo da leitura do livro “Professores e professoras doentes: de quem é a culpa?” e dos artigos selecionados ao longo da revisão, o desespero e a angústia aumentaram. Compreender que o problema do adoecimento mental dos docentes é algo tão amplo e complexo, afetando vários colegas de profissão, independentemente da região do Brasil na qual lecionam, além de acometer em sua maioria mulheres, me fez observar e ser mais atenta à realidade em que estou inserida.

As causas do adoecimento e do mal-estar docente não são fáceis de serem resolvidas, há uma complexidade na ação docente e com ela situações diversas envolvidas, o que se atrela não somente a aspectos individuais, mas também em uma esfera social. Para solucionarmos os problemas de violência, de sobrecarga de trabalho, de falta de autonomia, da estruturação de currículos que não condizem com as realidades escolares, de falta de infraestrutura e materiais adequados, além das relações de abuso de poder da equipe gestora e/ou do Estado, é premente a necessidade de um movimento em conjunto.

Nos anos em que estou na docência, infelizmente já escutei que somos uma “classe desunida”, não acredito em tal informação e sei que juntos podemos buscar soluções para tornarmos nosso ambiente de trabalho menos nocivo, há grandes números de pesquisas sendo realizadas, com apontamentos, redescobrimos e pontuando defasagens na estrutura do trabalho docente. É preciso ir além disso, reunir tais evidências faz parte do início da resolução dos problemas existentes, agora é necessário compreender como solucionar essas questões.

Com a cobrança e a sobrecarga da profissão, encontramos em nosso percurso o fenômeno denominado “apagão de professores”, retratados em reportagens jornalísticas, intituladas “Apagão dos professores” da revista Carta Capital e “Pé de meia Licenciatura pagará mais de R\$ 500 para futuros professores” da revista Agência Brasil.

Esse fenômeno consiste na ausência de estudantes nas universidades e o grande número de desistências e abandonos das graduações em cursos de licenciaturas. Essa situação ameaça o futuro educacional, gerando uma defasagem e precarização na formação dos docentes, que optam por ensinamentos a distância e/ou

desistem no decorrer do curso ao se depararem com a grande demanda de trabalho, cobranças e ao se depararem com uma significativa desvalorização profissional e baixos salários.

Algumas discussões e estratégias, como: bolsas de manutenção e incentivo para alunos de Licenciatura, estão sendo pensadas e analisadas pelo governo para garantir a permanência desses futuros professores nas universidades, são ações que estimulem e valorizem a profissão do professor, garantindo a formação de novos docentes e que auxilie na prevenção do adoecimento daqueles que já estão inseridos nos âmbitos escolares. É importante reforçar que o adoecimento docente não é um fator individual, e que essas ações devem abranger toda a classe do magistério.

Espera-se que essas políticas sejam efetivadas, pois durante a revisão bibliográfica, muitos autores sugeriram e reforçaram a necessidade de construir espaços de discussões e de luta, a fim de buscarmos soluções reais e eficazes, solicitando dos governantes movimentos de mudanças, com políticas públicas que garantam um ambiente de qualidade de trabalho, com demandas que respeitem nosso tempo de descanso, sem desigualdade de gênero, com uma formação, valorização e remuneração digna e que, principalmente, não afaste novos profissionais e sim que os instiguem a comporem essa classe e esse movimento contínuo.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, A.A. ; BARBOSA, R.E.C. Invisibilidade social do adoecimento de professores da educação básica no Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, Belo Horizonte, v. 49, abr. 2024.

DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-6369/16323pt2024v49edepi21> Acesso em: 17 jul. 2024

ASSUNÇÃO, A.A.; OLIVEIRA, D.A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores, **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 107, p. 349-372, maio-ago. 2009.

BOTELHO, L.L.R., CUNHA, C.C.de.A., MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e sociedade**, Belo horizonte, v.5, n.11, p. 121-136, mai-ago.2011.

CAMPOS, M. F. de.; VIEGAS, M. F. Sofrimento no trabalho e estratégias dos professores contra o adoecimento psíquico. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 103–119, jan-abr. 2022.

DOI: <https://doi.org/10.35699/2238-037X.2022.38580> Acesso em: 17 jul. 2024

CORTEZ, P.A. et al. A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente. **Caderno de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.25, n.1, p. 113-122. 2017.

DOI: 10.1590/1414-462X201700010001 Acesso em: 17 jul. 2024

CUNHA, S.D.M. et al. Vivências, condições de trabalho e processo saúde-doença: retratos da realidade docente. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 40, 2024.

DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469836820> Acesso em: 17 jul. 2024

DIEHL, L.; MARIN, A.H. Adoecimento mental em professores brasileiros: uma revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 64-85, dez. 2016

DOI: 10.5433/2236-6407.2016v7n2p64 Acesso em: 17 jul. 2024

DINIZ, M.; LOPES, L.P; A formação inicial de professoras marcada pela interseccionalidade e o impacto na saúde física e mental das docente. **Formação Docente**, Belo Horizonte, v.14, n.31, p.45-60, set-dez.2022.

DOI: <https://doi.org/10.31639/rbfp.v14i31.656> Acesso em: 17 jul. 2024

FACCI, M.G.D. O adoecimento do professor frente à violência na escola. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 31, n. 2, p. 130-142, jul. 2019.

DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i2/5647> Acesso em: 17 jul. 2024

FACCI, M.G.D.; URT, S.da.C.; BARROS, A.T.F. Professor readaptado: a precarização do trabalho docente e o adoecimento. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 281-290, mai-ago. 2018.

DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-3539201802175546> Acesso em: 17 jul. 2024

FERREIRA-COSTA, R.Q.; PEDRO-SILVA, N. Ansiedade e depressão: o mundo da prática docente e o adoecimento psíquico. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.23. n. 4, out-dez.2018.

DOI: 10.22491/1678-4669.20180034 Acesso em: 17 jul. 2024

FUNDACENTRO. Professores enfrentam transtornos mentais, distúrbios de voz e violência. Gov.br, 2023. Disponível em:

<https://www.gov.br/fundacentro/pt-br/comunicacao/noticias/noticias/2023/outubro/professores-enfrentam-transtornos-mentais-disturbios-de-voz-e-violencia>

Acesso em: 4 dez 2024

HASSUNUMA, R.M et al. Revisão Integrativa E Redação De Artigo Científico: Uma Proposta Metodológica Em 10 Passos. **Revista Multidisciplinar em Educação e Meio Ambiente**, v. 5, n. 3, 2024.

DOI: <https://doi.org/10.51161/integrar/rem/4275> Acesso em: 25 nov. 2024

KAGAN, D.M. Inquiry mode, occupational stress, and preferred leadership style among American elementary school teachers. **Journal Social Psychology**, Washington, DC, v. 129, n. 3, p. 297-305, 1989.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2001

MACHADO, L.C.; LIMONGI, J.E. Prevalência e fatores relacionados a transtornos mentais comuns entre professores da rede municipal de ensino, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, v. 17, n3, p. 325-334. 2019.

DOI: 10.5327/Z1679443520190424 Acesso em: 10 set. 2024

MINGHETTI, L.R. et al. Mal-estar docente: fatores de risco de adoecimento e sofrimento de professores em decorrência do trabalho. **Research, Society and Development**, v.11, n. 15, nov. 2022.

DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i15.35079> Acesso em: 17 jul. 2024

MOREIRA, D.Z.; RODRIGUES, M.B. Saúde mental e trabalho docente. **Estudos de Psicologia**. Natal, v. 23, n.3, jun-set. 2018.

DOI: 10.22491/1678-4669.20180023

OLIVEIRA, M.E.de. “Piorou a diabetes pelo emocional”: Precarização do trabalho docente e o adoecimento dos professores paulistas. **Fronteiras & debates**, Macapá, v.6, n.1, jan-jun. 2019.

RAUSCH, R.B.; DUBIELLA, E. Fatores que promoveram mal ou bem-estar ao longo da profissão docente na opinião de professores em fase final de carreira. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 13, n. 40, p. 1041-1061, set-dez. 2013.

DOI: 10.7213/dialogo.educ.13.040.DS11 Acesso em: 17 jul. 2024

ROSA, J.S. et al. Relação professor-aluno e o drama da psiquiatrização docente: Um estudo a partir de dados do município de Goiânia. **Educação em Revista**, Goiânia, v.40, fev.2024.

DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469842679> Acesso em: 17 jul. 2024

SANTANA, F.A.L.; NEVES, I.R. Saúde do trabalhador em educação: a gestão da saúde de professores de escolas públicas brasileiras. **Saúde Soc.** São Paulo, v.26, n.3, p.786-797, 2017.

DOI: 10.1590/S0104-12902017167259 Acesso em: 17 jul. 2024

SCHIMITT, J.C.; VIEIRA, P.R.; MARTINS, E.B.de.A. O exercício da docência entre os incentivos e regulações: O processo de adoecimento do professorado da educação básica. **Educação em perspectiva**, Viçosa, v.9, n. 2, p. 275-291, mai-ago. 2018.

DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v9i2.959 Acesso em: 17 jul. 2024

SILVA, J.C. da. et al. “Desgastes e sacrifícios” medicados: A relação trabalho e adoecimento na vida das professoras brasileiras. **Psico**, Porto Alegre, v.54, n.2, p. 1-3, jan-dez.2023.

DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.2.42671> Acesso em: 10 set. 2024

SILVA, J.C. da. et al. Saúde mental, adoecimento e trabalho docente. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.27. 2023.

DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-242262> Acesso em: 17 jul. 2024

SILVA, J.P. da; FISCHER, F.M. Invasão multiforme da vida pelo trabalho entre professores de educação básica e repercussões sobre a saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.54, p.3. 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054001547> Acesso em: 17 jul. 2024

SILVA, L.A.da. et al. Riscos ocupacionais e adoecimentos entre professores da rede municipal de ensino. **Journal Health NPEPS**, v.1, n.2, p. 178-196.2016.

SILVA, V.A.da.; COIMBRA, A.K.S.; YOKOMISO, C.T. Saúde dos professores do ensino fundamental da rede pública e a construção dos espaços psíquicos compartilhados. **Vínculo- NESME**, vol.14, n.2, p.58-69. 2017.

SIQUEIRA, B.C.; BOARINI, M.L. A saúde do professor no cotidiano escolar- Uma pesquisa histórica. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v.47, p. 39-46. 2018.

DOI: 10.5935/2175-3520.20180016 Acesso em: 17 jul. 2024

SOUZA, F.V.P. Adoecimento mental e o trabalho do professor: um estudo de caso na rede pública de ensino. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v.21, n.2, p. 103-117. 2018.

DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v21i2p103-117 Acesso em: 10 set. 2024

PALACIOS, R.A.; FLECK, C.F. Docente ou doente: Como fica a rotina dos profissionais da educação com o crescente adoecimento emocional? **Trabalho necessário**, Niterói, v.18, n. 36, p. 365-391, mai-ago. 2020.

DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v18i36.42815> Acesso em: 17 jul. 2024

PASINI, J.F.S.; SILVA, I.G. Plataformização da Educação no Estado do Paraná: Caminhos para a Padronização do Trabalho Pedagógico. **Pleiade**, v.18, n.43, p. 18-29, abr-jun. 2024.

DOI: 10.32915/pleiade.v18i43.1019 Acesso em 19 dez 2024.

PENTEADO, R.Z. Autonomia do professor: Uma perspectiva interdisciplinar para a cultura do cuidado docente. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.20, n.1, p. 234-254, jan-mar. 2018.

DOI: 10.20396/etd.v20i1.8649228 Acesso em: 17 jul. 2024

PENTEADO, R.Z; NETO, S. de. S. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. **Saúde Soc.** São Paulo, v.28, n.1, p.135-153, 2019.

DOI: 10.1590/S0104-12902019180304 Acesso em: 17 jul. 2024

SERAFINI, Mariana. Apagão de professores. Carta Capital, 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/apagao-de-professores/>
Acesso em: 04 dez 2024.

TOKARNIA, Mariana. Pé-de-Meia Licenciatura pagará mais de R\$500 para futuros professores. Agência Brasil, 2024. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2024-11/pe-de-meia-licenciaturas-pagara-mais-de-r-500-para-futuros-mestres#:~:text=Estudantes%20que%20utilizarem%20a%20nota,ser%C3%A1%20oficialmente%20anunciado%20este%20m%C3%AAs>

Acesso em: 04 dez 2024.

TREVISAN, K.R.R. et al. Revisão sistemática internacional sobre agravos à saúde mental de professores. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá, v.40, p.1-15, 2022.

DOI: <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.7532> Acesso em: 10 set. 2024

XAVIER, A.A.; ASINELLI-LUZ, A. **Professores e professoras doentes: De quem é a culpa?** 1 ed. São Paulo: Dialogar, 2018.

VIEGAS, M.F. Trabalhando todo o tempo: sobrecarga e intensificação no trabalho de professoras da educação básica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.48, dez.2022.

DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248244193> Acesso em: 17 jul.2024

